

Pela primeira vez Sarney admitiu que aceitará subir nos palanques para apoiar a Aliança na campanha eleitoral

# Sarney fará campanha para fortalecer Aliança

Memélia Moreira  
Enviada especial

São Luís — Mesmo constringido e contrariando seus princípios de não-envolvimento na campanha eleitoral, o presidente José Sarney subirá aos palanques. Basta a Aliança Democrática pedir. A revelação foi feita pelo próprio presidente da República, no percurso final de sua viagem entre Açailândia e São Luís, pela Estrada-de-Ferro Carajás, quando foi visitar o vagão destinado à imprensa. Ele estava descontraído, mas não queria gravadores ou microfones ligados.

"Eu sou contra a ida aos palanques — disse o Presidente — porque acho que o Presidente não deve subir ao palanque, mas se a Aliança Democrática pedir, eu me envolvo na campanha. Qualquer ato do Presidente tem implicações políticas e eu acho que não devo me envolver". Quando um dos repórteres informou ao Presidente que seu filho, o deputado Sarney Filho, é favorável à participação de Sarney na campanha, o presidente da República respondeu: "Meu filho tem opiniões pessoais".

Para confirmar que sua opção na campanha é de magistrado da Nação, o presidente José Sarney levou em sua comitiva todos os parlamentares que postulam a candidatura ao governo do Maranhão. Sarney não conversou com nenhum deles separadamente, chamando-os todos, em conjunto, no vagão presidencial, sem privilégios.

A pressão para o Presidente subir o palanque começa em casa. Seu filho, Sarney Filho, é favorável ao envolvimento do Presidente na campanha. E segue a seguinte linha de raciocínio: "Se a Aliança Democrática perder, vão dizer que o Presidente foi derrotado. Se ela ganhar, a vitória será dele. Portanto, o Presidente deve se envolver", disse o deputado Sarney Filho, partidário da candidatura do deputado Epitácio Cafeteira.

Sarney Filho informou, ainda, que o presidente da República vem constantemente se recusando a manifestar-se na questão sucessória estadual, afirmando ainda que, no caso específico do Maranhão, "o candidato do Presidente deve vencer", ao contrário das eleições municipais, quando o candidato apoiado pela família de Sarney, Jaime Santana, foi derrotado pela candidata do PDS, Gardênia Gonçalves.

Com base na experiência maranhense e na paulista, o deputado Sarney Filho quer não apenas a participação do Presidente na campanha, mas ainda a escolha de um candidato único da Aliança Democrática, porque "em todos os Estados onde a Aliança não funcionou, fomos derrotados".

## Difícil

Ainda comentando a questão política, o presidente José Sarney demonstrou absoluta consciência de sua popularidade. Ao ser indagado sobre as dificuldades encontradas pelos partidos opositores para combater o Presidente, José Sarney afirmou: "O pacote facilitou bastante a ação do Governo. O primeiro-ministro Churchill (ministro inglês na década de 40) dizia uma coisa: a oposição fere quando ela procede. Então, aí ela é mais dura".

O pacote econômico foi o mote de todos os discursos feitos pelo presidente Sarney ao longo da estrada-de-ferro, nas três paradas feitas pelo trem. Em Açailândia, antes de embarcar, o Presidente foi surpreendido por cerca de mil pessoas que agitavam nas mãos as listas dos preços congelados. Elas foram impressas por um empresário da região que pretende sair para vice-governador e Sarney aproveitou para reafirmar a convocação ao povo: "Todos os brasileiros vão continuar a ser fiscais do Presidente, para melhorar a vida do povo". O mesmo discurso foi repetido na parada de Santa Inês, onde o Presidente repetiu sua opção pelos pobres, dizendo um breve discurso:

"O Governo fez a opção pelos pobres. Todos os brasileiros vão continuar a ser fiscais do Governo para melhorar a vida dos pobres. Nas cidades mais ricas, vamos trabalhar pelos pobres e nas cidades mais pobres, vamos trabalhar pelos mais pobres dos pobres".

Sarney voltou a garantir que o pacote econômico, terá prosseguimento, até mesmo no tocante aos grupos financeiros que foram à falência e cujas penalidades haviam sido retiradas do programa de estabilidade econômica, de acordo com denúncia feita por um jornal paulista. Sarney assegurou que "desde que haja qualquer esclarecimento a fazer, será feito. A diretiva é aquela mesma, e se houver qualquer erro não tenho dúvida em mudar".

## Os trilhos da candidatura

São Luís (da enviada especial) — O Maranhão tem pouco menos de dois milhões de habitantes, mas nem por isso diminui nos políticos locais a vontade de concorrer ao governo estadual. Só na Aliança Democrática há, pelo menos, 12 postulantes à convenção e até mesmo os políticos do PDS querem sair pela Aliança, com o aval do presidente José Sarney, trocando a sigla partidária na hora em que receberem o sinal verde.

E ontem, na viagem de trem, o Presidente não deixou por menos: transportou todos os candidatos que têm mandato no Congresso Nacional. Lá estavam as diferentes tendências da Aliança Democrática e os dois pedessistas até recentemente, com o presidente da República: Edson Lobão, deputado federal, e Alexandre Costa, senador. Os dois malufistas notórios. Além deles, o deputado Epitácio Cafeteira, atualmente no PDT, e de tradição anti-Sarney.

Cafeteira é mais um maranhense que se aliou ao coro de aplausos ao Presidente e conta com o apoio de nada menos do que o do deputado Sarney Filho.

Para um observador distraído, a viagem parecia a confraternização dos políticos maranhenses. Todos estavam no mesmo vagão e o deputado Jaime Santana (também postulante) chegou a fazer piadas: "Olha aí. Vocês estão pensando que só tem oito ou nove candidatos, mas isso é modestia. Traz a lita da comitiva. Lá se encontram nomes. Todos eles são candidatos. E ainda há os que não constam da comitiva".

Alexandre Costa, senador biônico, também fez sua brincadeira. Apontando para os concorrentes, fez todos rir à vontade: "Nós estamos tão preocupados, que nenhum sai de perto do outro. Ninguém desceu com o Presidente; ficamos todos juntos", constatou o Senador, lembrando que, na verdade, os candidatos

negociam quatro vagas: a de governador, de vice e dois de senadores. Além de Alexandre Costa, Jaime Santana, Edson Lobão, João Menezes e Epitácio Cafeteira, vinham ainda no trem o ex-deputado Edson Vidigal, assessor do presidente da República. Eles querem ser escolhidos pelo Presidente e Sarney lhes mandou um recado: decidam-se.

Há ainda mais três outros candidatos sem mandato federal: Francisco Coelho, primo do governador Luiz Rocha; José Teixeira, ex-chefe de gabinete do governador, e Ivar Saldanha, que já ocupou o Palácio dos Leões (sede do governo local), interinamente. Todos eles sabem que a Aliança Democrática não pode sair com mais de um candidato, pois, caso contrário, a exemplo das eleições municipais, o governo perde contra João Castelo, candidato do PDS.

Mas isso não está entrando nas contas agora.

## Na volta à terra, a emoção fala mais alto

SÃO LUÍS — Só agora o Presidente José Sarney se sentiu chegando ao Maranhão, sua terra. Na última visita, ele veio apenas votar e não pôde se manifestar junto ao povo. Ontem, entretanto, Sarney compenhou e deixou extravazar toda a emoção de quem volta à terra.

Até Imperatriz, ele se comportou de acordo com as exigências do protocolo. Submeteu-se ao programa. Mas, quando o ônibus deixou a Belém-Brasília, estrada da qual ele participou da construção quando governador, Sarney não se conteve: fez um discurso nos degraus do ônibus, segurando os microfones das televisões, saiu abraçando as pessoas, pisando na terra enlameada pelas chuvas que inundam a região e, para o desespero dos segurancas, abraçando o povo, carregando crianças e beijando os velhos conhecidos e correligionários.

"O Estado é uma beleza, vocês não acham?", perguntou o Presidente, apontando para os babaquais e buritizais que margeiam a estrada-de-ferro Carajás. Ele inaugurou o serviço de transporte de passageiros e, por alguns minutos, viajou na frente da locomotiva, acenando para os camponeses que permaneceram

horas à beira da estrada, esperando o Presidente passar.

A viagem foi tranqüila. Apesar do conhecido hábito do Presidente em beber pouco (ele só tomou água mineral), houve um bom consumo no trem da Vale do Rio Doce. Foram servidas 102 doses de uísque, 600 canapés e 140 refeições, que era o número total de passageiros.

Sarney fez questão de descer em todas as três paradas do trem, que percorreu uma das regiões de maior conflito fundiário do Estado. E em Buriticupu, os camponeses agradeceram às recentes desapropriações feitas pelo Presidente.

Em São Luís, da sacada principal do Palácio dos Leões, Sarney improvisou. Diante de duas mil pessoas, muitas das quais professores estaduais que estão em greve há um mês, exigindo piso de três salários mínimos, o Presidente disse: "Duas palavras apenas, para saudar o povo da minha terra, nesse momento de reencontro das minhas saudações, emoções e paixões". E, depois de assinar convênio no Palácio, o Presidente voltou para casa, onde "Mãe Kiola" preparou um jantar à base de caranguejo.

## Governo moderniza a estrutura sindical

O Governo pretende, este ano, modernizar a estrutura sindical, adequando-na à "nova economia" introduzida no País com o pacote de reforma monetária. Seriam quatro as mudanças na área sindical: nova lei de greve; a adoção de mecanismos contra a rotatividade da mão-de-obra; desatrelamento dos sindicatos dos estados, dando-lhes maior autonomia e, em decorrência, melhores condições para negociação com os patrões; dar acesso a representantes dos trabalhadores em conselhos como o Conselho Monetário Nacional, cuja composição hoje é restrita a empresários e integrantes do governo.

O líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, confirma a disposição governamental de agilizar e modernizar as relações de trabalho no País, dando-lhe um caráter de contemporaneidade e viabilizando a livre negociação salarial. Ele explica que a mudança da Lei de Greve já é uma decisão e que a alteração da estrutura sindical é ainda uma tendência.

Para Chiarelli, a disposição inicial de se aprovar a Convenção 87 da Organização Internacional de Trabalho, que assegura ampla liberdade sindical, mas enfrenta restrições em parcelas ponderáveis do movimento sindical brasileiro por eliminar o princípio da unicidade e o imposto sindical, foi alternada.

— A idéia predominante, hoje, é de mudar a legislação de acordo com a realidade brasileira, adaptando-a, inclusive, à Convenção 87, e não o inverso, como se chegou a pensar. O princípio da unicidade sindical (em cada base territorial, apenas um sindicato pode representar uma categoria) deve ser mantido e o imposto sindical ser gradualmente eliminado — diz Chiarelli.

A expectativa de Chiarelli é de aprovação, entre os dias 10 e 15 de abril, do pacote econômico. Em seguida, seria encaminhada ao Congresso a proposta de nova Lei de Greve. Depois, um projeto de garantia de emprego. E, por fim, uma proposta de nova estrutura sindical.

A luta por liberdade e autonomia sindicais é antiga no País. A legislação em vigor, copiada da Carta del Lavoro, implantada na Itália pela ditadura fascista de Mussolini, e do Estado Novo, consagra o corporativismo e atrela os sindicatos ao Estado. Mesmo sendo uma velha reivindicação, não tem o apoio de todos os sindicatos; e que dirigentes que controlam há décadas as entidades de cúpula do movimento sindical teriam com uma legislação mais moderna menor controle da máquina. São raros, contudo, os que assumem essa posição publicamente.